

Basquetebol e Streetball: a questão do negro no esporte

Edgar Mendes Soares

A tematização do basquetebol foi realizada no segundo semestre de 2016 com as turmas dos 6º anos da EMEF José Leandro de Barros Pimentel, situada no município de Barueri, pertencente à região metropolitana de São Paulo, e durou aproximadamente quatro meses.

No mapeamento do repertório cultural dos alunos, percebi que haviam praticado durante os anos repetitivamente a queimada e o futsal. Verificando os materiais disponíveis para as vivências, constatou um número razoável de bolas de basquetebol e apenas uma cesta acima do gol, além disso, alguns alunos relataram já ter praticado basquetebol em outros lugares fora da escola. Portanto, como a prática corporal havia lastro social naquelas turmas, optei por tematizá-la, percebendo como um terreno profícuo de problematizações e desconstruções a favor de produzir outros significados sobre o basquetebol.

Recorrendo ao Projeto Político-Pedagógico, elegi alguns objetivos presentes no documento para nortear suas ações e elaborei outro:

- Exercício da cidadania;
- Assegurar uma escola inclusiva;
- Tornar o aluno protagonista de sua aprendizagem;
- Refletir sobre marcadores sociais presentes nas práticas corporais.

De volta às aulas, elaborei questões para reportar os conhecimentos que os alunos detêm sobre o basquetebol: que regras conhecem, quais linhas da quadra são utilizadas no jogo de basquetebol, de onde surgiu e como foi concebido, etc. Durante a semana, as atividades foram corrigidas, o que facilitava o planejamento das próximas aulas. Nesse dia, comentei as respostas obtidas, tanto os acertos como os erros, buscando evidenciar que os erros eram importantes para redirecionar o trabalho.

Nessa atividade emergiram discursos frutíferos para problematizações: por que jogadores de basquetebol são altos? Jogadores pequenos podem jogar? Por que a maioria dos jogadores são negros?

Iniciamos assim as vivências na quadra. Algumas regras já haviam surgido na atividade em sala, então partimos delas para a organização da atividade.

- Não correr com a bola;
- Tinha que fazer cesta;
- Tem que fazer a bola quicar no chão para poder andar;
- Fora da área vale três pontos, dentro da área vale 2 pontos.

Assim, discutimos a divisão das equipes. Inicialmente, foram tensionadas divisões por gênero, todavia, as meninas resistiram a participar alegando que não sabiam ou não queriam.

Através dessa vivência, constatei que houve muito contato corporal e diversas vezes ocorriam faltas, que foram registradas para serem discutidas na aula seguinte.

Conforme previsto, antes de continuar a vivência, orientei que o contato físico estava sendo um problema e que era necessário pensar em soluções para a prática do basquetebol acontecer. Sem demora, alguns alunos falaram que havia muitas pessoas em quadra, visto que só tínhamos uma cesta de basquete e compartilhávamos a quadra com outra turma. Então, reduziu-se o número de jogadores de 5 para 3 em cada equipe, como também se decidiu que se uma equipe recuperasse a bola dentro do garrafão haveria que sair com a bola para poder atacar.



Em algumas outras vivências, foram disponibilizadas várias bolas aos alunos para que se organizassem em grupos e vivenciassem trocas de passes entre si e arremessos na cesta. Alguns que tinham mais dificuldade foram orientados com algumas dicas de execução da gestualidade. Nesta aula observou-se maior participação feminina.

Na continuidade, pensando em aprofundar os conhecimentos, planejei atividades que narravam a origem do esporte, recorrendo a história oficial disponível no site da Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB), a qual ressalta sua chegada no Brasil no início do século XX. Destaquei o fato que à época a adesão das mulheres sobressaiu-se, enquanto os homens, interpelados pelo preconceito de gênero, demoraram a se envolver com a modalidade. Também conversamos que nos Estados Unidos, o futebol tem grande popularidade entre o público feminino, ao contrário do que acontece Brasil. Diante das informações, perguntei: “se o basquete era um esporte praticado exclusivamente pelas mulheres, por que as meninas desta sala preferem ficar na arquibancada?”. Segui explicando que os esportes não são femininos ou masculinos, mas dependem de quem se apropria deles e das condições que esse grupo dispõe para fazer valer sua posição, logo, o basquete que estavam praticando na escola poderia ser contaminado por preconceitos, promovendo injustiças e afirmando desigualdades entre os gêneros.

Durante a semana, pensei em outras maneiras de aprofundar os conhecimentos sobre o basquetebol, como também maneiras alternativas de problematizar a representação étnica que havia sido manifestada pelos estudantes. Para tal, preparei e disponibilizei uma atividade no site personalizado no *Google Sites*¹ com algumas questões e links para vídeos disponíveis no *Youtube*. De forma geral, o conteúdo mobilizado abrangia o histórico do basquetebol, o basquetebol na atualidade (esporte propriamente dito, streetball e basquete de cadeiras de rodas), negros no basquetebol e a altura no basquetebol. Estas atividades foram realizadas na sala de informática da escola.

Durante a aula procurei confrontar discursos que produziam o basquetebol como modalidade violenta e sua concepção inicial como modalidade criada para evitar contatos físicos intensos, além do racismo, preconceitos e discriminações que o envolvem.

¹ Link do site: <https://sites.google.com/site/avaliacao6anoef/>

Discutimos as leis de segregação racial dos EUA durante a primeira metade do século XX, lemos sobre a resistência de uma equipe composta por atletas negros fez ao racismo e à discriminação, ao viajar e vencer inúmeros times exclusivamente de brancos. Também se falou que nos bairros periféricos de Nova Iorque, Brooklyn e Harlem, pouco assistidos pelo poder público, surgiu uma nova forma de produzir o basquetebol: o streetball.



Sobre o streetball, abordamos seu aspecto político enquanto elemento do movimento Hip-Hop de reivindicação de direitos, de resistência dos grupos marginalizados e socialmente desfavorecidos. Conversamos sobre sua característica estética em que muitas vezes se valorizam as jogadas que ludibriam o adversário do que a conversão da cesta.

Para ilustrar, os estudantes assistiram a vídeos como o da série *Todo Mundo Odeia o Chris*², onde o personagem entra para o time de basquete sem saber jogar, somente por ser negro e desfruta de algumas vantagens por isso.

Depois das problematizações, ficou evidente que uma das explicações da participação do negro no basquetebol deu-se como construção social, onde este grupo

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2gI5xWuXQlg>

social viu na prática desse esporte para resistir e conquistar espaços em que sua voz pudesse ser ouvida.

Voltando às vivências, propus que eles criassem “moves”, ou seja, movimentos de streetball, utilizando vários segmentos corporais e gestos diversificados. No decorrer das atividades, os grupos apresentaram suas criações para o restante da turma.



Na aula seguinte discutimos as diferenças entre basquetebol e streetball e organizamos a vivência do streetball. Foram jogos de 3 contra 3, com regras mais flexíveis construídas pelos alunos, sem a necessidade de juiz e valendo pontos conforme a estética dos gestos utilizados. As meninas tiveram uma participação destacada nessas vivências.

Enquanto isso, procurei na comunidade alguém envolvido com basquetebol. Fui no Centro Comunitário ao lado da escola, porém, o representante falou que no momento não havia mais aulas de basquete, nem de outras modalidades. De forma bastante persistente, recorri ao centro de treinamento do Grêmio Recreativo de Barueri (GRB), localizado nas proximidades da escola. Lá há a prática do basquete, porém nenhum dos três professores se disponibilizou a receber os alunos no ginásio da instituição, nem tampouco para ir à escola conversar com as turmas.

Por fim, para o fechamento da atividade, foi solicitado aos alunos que redigissem um relato de experiência narrando suas impressões acerca da tematização. Analisando os documentos produzidos, pude inferir que algumas representações iniciais acerca do

basquete e dos seus praticantes foram mudadas, outras nem tanto. Seus textos lembraram que o basquete já foi esporte dado como feminino e que já foi instrumento de luta política contra a discriminação. Os alunos também perceberam que as regras mudam, que podem coletivamente dar novas formas ao esporte, tornando-o menos injusto.

Relato de experiência (10)

Eu achei todas as aulas muito legais, por que sempre tinha alguma coisa nova sobre o basquete e eu conseguia tirar as minhas dúvidas.

Achei legal também as aulas sobre o streetball, porque é legal poder criar movimentos de double.

Na aula que a gente criou os movimentos de streetball, foi uma aula bem legal.

O basquete ajudou a ter mais trabalho de equipe. Porque antes toda mundo era "feminha" e as meninas principalmente, não conseguiam fazer.

Na história do basquetball, a que eu achei mais legal, é que inicialmente, as mulheres que jogavam mais.

Eu achei legal também que o basquete é uma forma de negar o racismo, achei bem interessante.

Dem, inicialmente foi isso que eu achei então... Este é o meu relato de experiência.